

Escatologia “Segundo Deus”

C. Naaktgeboren*

Compilado em 2022-04-27 às 04:04:43h (UTC) - Revisão 0

Resumo

Aqui vai o resumo.

Licença



<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/>

Conteúdo

Conteúdo	1
1 Introdução	2
1.1 Escatologia “Segundo Deus” — Definições . . .	5
1.2 Objetivos Gerais	8

*C. Naaktgeboren <bibliashare@gmail.com>

2	Princípios Bíblicos Para Escatologia “Segundo Deus”	8
2.1	Axiomas	8
2.2	Da Unicidade da Realidade do Princípio ao Fim	9
2.3	Da Veracidade Das Profecias Divinas	10
2.4	Da Equivalência Entre Profecias e Promessas Di- vinas	11
2.5	Da Verificabilidade Das Profecias Divinas	12
2.6	Da Vigilância Divina à Sua Palavra	14
2.7	Cumprimento Literal ou Alegórico?	15
2.8	Da Genuína Intenção de Deus	19
2.9	Da Tradição de Deus	20
2.10	Do Direcionamento da Palavra de Deus	22
3	Algumas Implicações	23
4	Conclusão	25
A	Generalização Para Qualquer Doutrina Bíblica	26
	Referências	29

1 Introdução

O assunto de *escatologia bíblica* — que é o estudo das profecias bíblicas, ou, etimologicamente, a junção de ἔσχατος, que, segundo Bailly [4, pp. 817–8], significa: “*o que está na extremidade, no extremo, no final; tanto nos sentidos espacial quanto temporal; portanto: as últimas coisas*”¹, juntamente com -λογία: palavras [7] (estudo), a saber: o estudo das últimas coisas, com base na Bíblia — mostra, na atualidade, uma grande variedade

¹LIT: «qui est à l’extrémité, extrême, dernier : **I** (avec idée de lieu) ... **II** (avec idée de temps) : ... le dernier ... ».

de visões de mundo, com vertiginosas disparidades e irreconciliáveis incompatibilidades de conclusões a que chegam os diferentes estudos, os quais, *supostamente*, empregaram as mesmas Escrituras como base.

Percebe-se um contraste aberrante entre aquilo que as Escrituras Sagradas revelam acerca do “**único Deus verdadeiro**” Jo 17.3 (ARA) [1] com o atual estado de coisas da escatologia bíblica. Diagnostica-se, com isso, não apenas um cenário lamentável para a cristandade, mas também um atestado dos efeitos de uma batalha entre luz e trevas, entre verdade e engano, no qual o engano parece estar colhendo do muito que semeou.

Porém, as Escrituras trazem a seguinte exortação:

“esforçando-vos diligentemente por preservar a unidade do Espírito no vínculo da paz; há somente um corpo e um Espírito, como também fostes chamados numa só esperança da vossa vocação; há um só Senhor, uma só fé, um só batismo; um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, age por meio de todos e está em todos.” — Ef 4.3 (ARA) [1]

Desta porção, já se pode concluir que a mera existência de uma grande multiplicidade de escatologias, com conclusões mutuamente incompatíveis e irreconciliáveis *não é fruto da ação de Deus no corpo*, porém, certamente do inimigo de nossas almas, através de homens de artimanha, os quais com astúcia induzem ao erro, conforme o que está escrito:

“E a graça foi concedida a cada um de nós segundo a proporção do dom de Cristo. E ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres, com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para

o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo, até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo, para que não mais sejamos como meninos, agitados de um lado para outro e levados ao redor por todo vento de doutrina, pela artimanha dos homens, pela astúcia com que induzem ao erro.” — Ef 4.7,11-14 (ARA) [1]

Creio, assim, não apenas na *existência*, mas também na *possibilidade* de abordagem da escatologia (assim como de qualquer assunto da Palavra de Deus), pelo dom de Cristo, de modo a formar o são e correto ensino; a chegar nas conclusões verdadeiras, no sentido verdadeiro das profecias, “segundo o propósito daquele que faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade” Ef 1.11 (ARA) [1], pois que também a Escritura testifica, por meio de Moisés:

“Porque este mandamento que, hoje, te ordeno não é demasiado difícil, **nem está longe de ti. Não está nos céus**, para dizeres: Quem subirá por nós aos céus, que no-lo traga e no-lo faça ouvir, para que o cumpramos? **Nem está além do mar**, para dizeres: Quem passará por nós além do mar que no-lo traga e no-lo faça ouvir, para que o cumpramos? Pois **esta palavra está mui perto de ti**, na tua boca e no teu coração, para a cumprires.” — Dt 30.11-14 (ARA) [1]

1.1 Escatologia “Segundo Deus” — Definições

Tem-se em mente uma abordagem escatológica “segundo Deus”², feita “à maneira de Deus;” aquela que, baseada unicamente em verdade, é conduzida em retidão e chega à verdade, a saber, ao que o próprio Deus tem reservado para o futuro e vem anunciando desde o princípio:

Definição 1 (Escatologia “Segundo Deus”). *A escatologia “segundo Deus” é aquela feita “segundo Deus, em justiça e retidão procedentes da verdade” Ef 2.24 (ARA)[1].*

Passa-se também à definição de escatologia com erro — entendido como qualquer violação direta de qualquer um ou mais preceitos das Escrituras — ou escatologia com engano, ou enganosa, que não é segundo Deus:

Definição 2 (Escatologia Com Erro). *Seja a escatologia com erro, aquela que incorre em erro, seja nas suas premissas, ou nos seus métodos, ou nos seus processos, ou nas suas conclusões.*

De acordo com Daepf e Gorkin, podemos enunciar uma sentença que *sempre é verdadeira*, por meio de um teorema [5, p. 17]:

Teorema 1 (Dicotomia Escatológica). *Qualquer escatologia será ou “segundo Deus”, ou “com erro.”*

Prova do Teorema da Dicotomia Escatológica. Seja uma escatologia ϵ_i qualquer, com $i \in \{1, 2, 3, \dots\}$ sendo um índice que numera-a, identificando-a de forma única e inequívoca.

²A expressão “segundo Deus” também aparece em 1Pe 4.6 e três vezes em 2Co 7.9-11.

Caso (i) ϵ_i incorra em erro (contenha erro), será, pela Definição 2, uma escatologia “com erro.” Neste caso, tal escatologia não poderá ser “segundo Deus”, pois está escrito:

“Não vos escrevi porque não saibais a verdade; antes, porque a sabeis, e porque **mentira alguma jamais procede da verdade.**” — 1Jo 2.21 (ARA) [1]

violando a Definição 1, pelo erro jamais proceder da verdade.

Caso (ii) ϵ_i não contiver erro, não incorrer em erro, terá sido feita “segundo Deus, em justiça e retidão procedentes da verdade” Ef 2.24 (ARA) [1] e será, portanto, pela Definição 1, escatologia “segundo Deus”.

Neste caso, tal escatologia não poderá ser “com erro,” pois a premissa de não conter erro viola a Definição 2.

□

Uma vez provado o Teorema 1, seguem-se os dois Corolários³ abaixo:

Corolário 2. *Nenhuma escatologia pode ser simultaneamente “segundo Deus” e “com erro.”*

Corolário 3. *A união das Definições 1 e 2 contém todas as escatologias.*

As Definições 1 e 2 dadas são úteis na *classificação* de escatologias que **devem ser abandonadas** por membros do corpo de Cristo (à luz de Ef 4.7,11–14, já citado), e aquelas⁴, “segundo

³Corolários são consequências lógicas de um Teorema.

⁴Adianto aqui que a pluralidade das escatologias “segundo Deus” é devida unicamente em função do escopo, e não do teor, meramente para fazer o argumento.

Deus”, que **deve ser guardada** e também *crida, ensinada e proclamada*.

Importa notar que tudo o que foi estabelecido até este ponto pode ser **GENERALIZADO PARA QUALQUER DOCTRINA BÍBLICA**, desde as Definições, incluindo o Teorema, sua Prova e seus dois Corolários. Esta generalização é colocada no Apêndice.

Muito embora sejam úteis as Definições 1 e 2 dadas, elas não são, necessariamente, de fácil ou consensual aplicação, especialmente em um cenário — o atual — no qual proliferam, não apenas diferentes visões de mundo, mas igualmente, erros grosseiros nas diferentes abordagens escatológicas, além de evidência de muito despreço por exatidão e verdade.

De um ponto de vista prático, se um número razoável de *princípios* for identificado, tais que sejam (a) *indispensáveis* a estudos proféticos “**segundo Deus**”, e que também sejam (b) de fácil demonstração quanto à sua violação; ter-se-á INSTRUMENTOS PARA COMPROVAÇÃO DE ESCATOLOGIAS “COM ERRO”, uma vez que o caso (i) da Prova do Teorema da Dicotomia Escatológica, classifica inequivocamente a escatologia sob análise como sendo “com erro.”

Assim, caso uma escatologia ϵ_i viole *qualquer um* dos princípios reunidos, os quais são, por definição, *indispensáveis* a estudos proféticos “**segundo Deus**”, qualifica-se e expõe-se, **cabalmente** o erro incorrido pela escatologia ϵ_i em questão!

As vantagens da presente abordagem incluem: (1) *não* se faz necessário deduzir um conjunto *suficiente* de princípios, apenas alguns *necessários* a estudos “**segundo Deus**”, e (2) a busca *não necessita ser exaustiva*, podendo ser focada em uma dada escatologia específica sob análise, e podendo ser complementada em estudos e ocasiões posteriores, e, finalmente, (3) os princípios reunidos servem de balizadores objetivos do que se deve fazer ou

evitar em estudos escatológicos e/ou proféticos em curso, uma vez que, antes de empreender qualquer abordagem no assunto de profecias, é de extrema importância identificar e pautar-se no que as Escrituras afirmam sobre Deus e sobre si mesmas, em conexão ao estudo de profecias.

1.2 Objetivos Gerais

Assim, este estudo objetiva *identificar* e *enunciar*, de acordo com as Escrituras, alguns *princípios bíblicos* que sejam, por definição, *indispensáveis* a estudos proféticos e a escatologia “segundo Deus”, com vistas à exposição de erros em escatologias, podendo classificá-las cabal e inequivocamente como “escatologias com erro,” de acordo com Definição 2 dada, fornecendo, assim, os aludidos INSTRUMENTOS PARA COMPROVAÇÃO DE ESCATOLOGIAS “COM ERRO”.

2 Princípios Bíblicos Para Escatologia “Segundo Deus”

2.1 Axiomas

O assunto já delineado será estudado com base nos seguintes axiomas:

1. Há um só Deus;
2. As Escrituras Bíblicas são Palavra deste Deus;
3. As Escrituras Bíblicas são verdade.

Entende-se por “Escrituras Bíblicas” o conjunto coeso de 66 livros, composto pelos 39 livros da Bíblia Hebraica e pelos 27 livros do Novo Testamento Cristão.

2.2 Da Unicidade da Realidade do Princípio ao Fim

Observa-se que as Escrituras *sempre são assertivas* em relação (i) à *realidade* e (ii) à *história*, a exemplo de:

“E fez Deus a expansão e fez separação entre as águas que estavam debaixo da expansão e as águas que estavam sobre a expansão. **E assim foi.**” — Gn 1.7 (ARC) [2]

A sentença: “**E assim foi,**” indica uma **realidade e história únicas** — “assim,” e não de outra forma diferente ou paralela. Além disso, pelas Escrituras, Deus afirma, *assertivamente*, quanto (iii) ao *futuro*, por meio de Isaías:

“Lembra-vos das coisas passadas desde a antiguidade: que **eu sou Deus, e não há outro Deus, não há outro semelhante a mim; que anuncio o fim desde o princípio** e, desde a antiguidade, as coisas que ainda não sucederam; que digo: **o meu conselho será firme, e farei toda a minha vontade;**” — Is 46.9,10 (ARC) [2]

A capacidade de anunciar, **acertadamente** “coisas que ainda não sucederam” é um *atributo exclusivo de Deus, que o distingue de todos os demais seres*, conforme “**não há outro semelhante a mim**”. Ainda, o que Deus anuncia, pela sua Palavra, é “**o fim desde o princípio**” — note: “o fim,” no singular, e não uma

multiplicidade de ‘possíveis’ fins, indicando, assim, um **futuro único**.

As Escrituras falam, portanto, de *história única*, de *realidade única* e de *futuro único* — de modo que o espaço-tempo dos “**céus e terra**” possui **unicidade**, sem ‘realidades paralelas’.

Está demonstrado, então, pelas Escrituras, a *unicidade da realidade do princípio ao fim*, de onde se extrai:

Princípio 1 (da Unicidade da Realidade do Princípio ao Fim). *Existe, de acordo com as Escrituras, apenas uma ÚNICA REALIDADE, uma ÚNICA HISTÓRIA e um ÚNICO FUTURO, que se realizará.*

2.3 Da Veracidade Das Profecias Divinas

O Senhor Deus, ao reiterar seus atributos a Judá, por meio do profeta Isaías, o faz de forma *taxativa*:

“Porque assim diz o Senhor, que **criou os céus**, o Deus que **formou a terra**, que **a fez e a estabeleceu**; que não a criou para ser um caos, mas para ser habitada: **Eu sou o Senhor, e não há outro.**”

— Is 45.18 (ARA) [1]

Sabemos, pela Carta aos Romanos, que “os atributos invíveis de Deus, assim o seu **eterno poder**, como também a sua **própria divindade**, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo **percebidos** por meio das **coisas que foram criadas.**” Rm 1.20 (ARA) [1], de sorte que ao declarar-se Autor de céus e terra, quando falou por meio do profeta Isaías, “**claramente se reconhece**” que Deus está a evocar Seus atributos de “**eterno poder, como também a sua própria divindade**”.

Este Deus de eterno poder continua, por meio do profeta, dizendo:

“Não falei em *segredo*, nem em lugar algum de *trevas* da terra; não disse à descendência de Jacó: Buscai-me em vão; *eu, o Senhor, falo a verdade e proclamo o que é direito.*” — Is 45.19 (ARA) [1]

Aqui é acrescentado que a revelação de Deus não foi secreta e com o bendito testemunho: **“*eu, o Senhor, falo a verdade e proclamo o que é direito.*”**

Assim, está diretamente declarado nas Escrituras que as proclamações de Deus por intermédio de seus profetas — a saber, *todas as profecias — são verdade e direito.*

Princípio 2 (da Veracidade das Profecias Divinas). *De acordo com as Escrituras, todas as profecias divinas são verdade e direito.*

2.4 Da Equivalência Entre Profecias e Promessas Divinas

“E assim, depois de esperar com paciência, obteve Abraão a promessa.” — Hb 6.15 (ARA) [1]

A veracidade das profecias divinas implica em certeza de seu cumprimento, portanto *as profecias divinas são promessas divinas*, mas quais é justiça esperar — **“É o caso de Abraão, que creu em Deus, e isso lhe foi imputado para justiça.”** Gl 3.6 (ARA) [1].

Ainda, cita-se:

“E a si mesmo se purifica todo o que nele tem esta **esperança**, assim como ele é puro.” — 1Jo 3.3 (ARA) [1]

E também:

“Bem-aventurados aqueles que **leem** e aqueles que **ouvem** as palavras da **profecia** e **guardam** as coisas nela escritas, pois o tempo está próximo.” — Ap 1.3 (ARA) [1]

As Escrituras declaram e extrai-se o princípio da equivalência entre profecias divinas e promessas divinas:

Princípio 3 (da Equivalência Entre Profecias e Promessas Divinas). *De acordo com as Escrituras, todas as profecias divinas são promessas divinas, nas quais é justiça esperar.*

2.5 Da Verificabilidade Das Profecias Divinas

Sendo a realidade única e as profecias promessas sempre verdadeiras; com a passagem do tempo, aquilo que antes era futuro, a saber, as **“coisas que ainda não sucederam”** Is 46.10ARC, uma vez chegado seu tempo e cumpridas, podem ser assim testemunhadas, ou verificadas, pelos homens. Tais exercícios de constatação são frequentemente registrados nas Escrituras:

“Nenhuma promessa falhou de todas as **boas palavras que o Senhor falara** à casa de Israel; **tudo se cumpriu.**” — Js 21.45 (ARA) [1]

“Nenhuma promessa falhou” / **“tudo se cumpriu.”** — as profecias divinas são verificáveis a seu tempo. Que maravilha!

Ainda, os Evangelhos atestam muitos cumprimentos de profecias:

“Ela dará à luz um filho e lhe porás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos pecados deles. Ora, tudo isto **aconteceu para que se cumprisse o que fora dito pelo Senhor por intermédio do profeta:** Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, e ele será chamado pelo nome de Emanuel (que quer dizer: Deus conosco).” — Mt 1.21–23 (ARA) [1]

E depois:

“Dispondo-se ele, tomou de noite o menino e sua mãe e partiu para o Egito; e lá ficou até à morte de Herodes, **para que se cumprisse o que fora dito pelo Senhor, por intermédio do profeta:** Do Egito chamei o meu Filho.” — Mt 2.14,15 (ARA) [1]

E em seguida:

“Então, **se cumpriu o que fora dito por intermédio do profeta Jeremias:** Ouviu-se um clamor em Ramá, pranto, [choro] e grande lamento; era Raquel chorando por seus filhos e inconsolável porque não mais existem.” — Mt 2.17,18 (ARA) [1]

E em seguida:

“E foi habitar numa cidade chamada Nazaré, **para que se cumprisse o que fora dito por intermédio dos profetas:** Ele será chamado Nazareno.” — Mt 2.23 (ARA) [1]

A cada *verificação* do *cumprimento fiel* das *profecias divinas*, **Deus é glorificado como Deus**, como o único “**que desde o princípio anuncio o que há de acontecer e desde a antiguidade, as coisas que ainda não sucederam;**” Is 46.10 (ARA) [1].

Assim, o princípio da verificabilidade das profecias divinas é abundantemente suportado pelas Escrituras, de onde, então, se enuncia:

Princípio 4 (da Verificabilidade Das Profecias Divinas). *De acordo com as Escrituras, todas as profecias divinas cumprem-se a seu tempo, após o qual é possível verificá-las, conferindo-as com a realidade dos acontecimentos, “para que se ouça e se diga: Verdade é!”*

(Esta última citação é de Is 43.9 (ARA) [1]).

2.6 Da Vigilância Divina à Sua Palavra

As Escrituras frequentemente explicam que certas coisas vieram a acontecer com o propósito específico de *cumprir profecia*, de *cumprir o que está escrito*:

“**Tudo isto, porém, aconteceu para que se cumprissem as Escrituras dos profetas. Então, os discípulos todos, deixando-o, fugiram.**” — Mt 26.56 (ARA) [1]

Eminentemente, temos a visão da vara de amendoeira, dada a Jeremias: “**Veio ainda a palavra do Senhor, dizendo: Que vêst tu, Jeremias? Respondi: vejo uma vara de amendoeira.**” Jr 1.11 (ARA) [1], e a resposta divina foi:

“Disse-me o Senhor: Viste bem, porque **eu velo sobre a minha palavra para a cumprir.**” — Jr 1.12 (ARA) [1]

Note-se que ‘velar’ significa: “permanecer de vigia, de sentinela” [6]. Assim, o Deus que está “**sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder**” Hb 1.3 (ARA) [1], que “**é antes de todas as coisas**” e no qual “**tudo subsiste**” Cl 1.17 (ARA) [1], permanece de sentinela para **cumprir** Sua Palavra!

Princípio 5 (da Vigilância Divina à Sua Palavra). *De acordo com as Escrituras, Deus mantém constante vigilância à toda a sua Palavra, com o propósito de cumpri-la.*

2.7 Cumprimento Literal ou Alegórico?

Para que não haja qualquer dúvida sobre a firmeza do propósito Divino no cumprimento fiel de suas promessas e profecias, tem-se, no Livro de Deuteronômio — portanto na Lei, a profecia da vinda do profeta em cuja boca Deus colocaria Suas Palavras:

“Suscitar-lhes-ei um profeta do meio de seus irmãos, semelhante a ti, **em cuja boca porei as minhas palavras, e ele lhes falará tudo o que eu lhe ordenar.**” — Dt 18.18 (ARA) [1]

A profecia é solene; Deus continua:

“De todo aquele que não ouvir as **minhas palavras, que ele falar em meu nome**, disso lhe pedirei contas. Porém o profeta que **presumir de falar alguma**

palavra em meu nome, que eu lhe não mandei falar, ou o que falar em nome de outros deuses, esse profeta **será morto.**” — Dt 18.19,20 (ARA) [1]

Aqui as implicações são seríssimas — vida ou morte! — Tal que se torna *absolutamente imperioso* distinguir adequadamente a Palavra do Senhor daquela de falsos profetas.

O texto segue, providencialmente, nesta exata direção: “**Se disseres no teu coração: Como conhecerei a palavra que o Senhor não falou?**” Dt 18.21 (ARA) [1], e a resposta divina *não deixa dúvidas*:

“Sabe que, quando esse profeta falar em nome do Senhor, e a palavra dele se não cumprir, nem suceder, como profetizou, esta é a palavra que o Senhor não disse; com soberba, a falou o tal profeta; não tenhas temor dele.” — Dt 18.22 (ARA) [1]

O termo “**Sabe que**” é para dar *certeza plena no assunto*! O v. 22 revela qual é a palavra que o Senhor “**não disse**” — a saber, aquela que “**não cumprir, nem suceder, como profetizou**”.

Aqui Deus propõe um *teste de realidade*, e falsas profecias não passam no teste de realidade, a saber: do *cumprimento como profetizado*.

Nosso interesse é extrair, por meio das Escrituras, conhecimento sobre as profecias de Deus. Se uma profecia é de Deus, tal não pode ser “**a palavra que o Senhor não falou**” do v. 21; por outro lado, “**a palavra que o Senhor não falou**”, do v. 21, não pode ser de Deus. Claramente tem-se aqui apenas duas possibilidades: ou a profecia (i) é de Deus, ou ela (ii) não é. O texto sagrado aqui é *suficiente* para a determinação de todos os dois possíveis casos, pelo emprego da lógica mais elementar no

entendimento do texto. Se uma possibilidade foi enunciada, sua *negação* leva, necessariamente, à outra.

Desta forma, tem-se, *com certeza* — por ser verdade e pelo: “**Sabe que**” do início do v. 22 — que **a palavra que o Senhor disse cumprir-se COMO PROFETIZADA**, de acordo com Dt 18.22! E assim elimina-se, efetivamente e pela Palavra de Deus, qualquer possibilidade de cumprimento aproximado, genérico, em alegoria, de sentido, leitura ou conclusão *diferente de como está escrito*, diferente de **como foi profetizado**.

Importa pontuar que a própria profecia do verso 18 cumpriu-se **LITERALMENTE** em Jesus Cristo:

“Não crês que eu estou no Pai e que o Pai está em mim? **As palavras que eu vos digo não as digo por mim mesmo; mas o Pai, que permanece em mim, faz as suas obras.**” — Jo 14.10 (ARA) [1]

Foi profetizado: “**em cuja boca porei as minhas palavras**”, e cumpriu-se “**As palavras que eu vos digo não as digo por mim mesmo**”, ou seja, **cumpriu-se como profetizado!**

E ainda, com relação ao que foi profetizado: “**ele lhes falará tudo o que eu lhe ordenar**”, temos o registro do cumprimento, em Jesus Cristo, assim:

“Então, lhes falou Jesus: Em verdade, em verdade vos digo que **o Filho nada pode fazer de si mesmo, senão somente** aquilo que vir fazer o Pai; porque **tudo o que este fizer, o Filho também semelhantemente o faz.**” — Jo 5.19 (ARA) [1]

E ainda:

“E aquele que me enviou está comigo, não me deixou só, porque **eu faço sempre o que lhe agrada.**”
— Jo 8.29 (ARA) [1]

portanto, novamente **cumprimento como profetizado!**

Assim, pelas Escrituras, derivou-se o princípio de que **profecia de Deus cumpre-se como foi profetizada**; portanto:

Princípio 6 (do Cumprimento Como Profetizado). *De acordo com as Escrituras, todas as profecias divinas cumprem-se como profetizadas.*

Somente Deus sabe *acertadamente* o futuro, e Sua Palavra diz que **Ele não profetiza coisas que não se cumprirão como profetizado** — afinal, tais são exemplos de “**palavra que o Senhor não disse**”; assim, temos, como Corolário do Princípio 6:

Corolário 4 (da Alegação de Cumprimento Alegórico). *De acordo com as Escrituras, não se pode alegar, para qualquer profecia divina, cumprimento com sentido diferente, diverso de como elas encontram-se profetizadas.*

Por outro lado, falsas profecias é que devem ter seu “entendimento” elasticado, generalizado, maleabilizado e alegorizado para poderem encaixar-se em *qualquer coisa* que venha a acontecer e assim, alegar cumprimento e legitimidade — uma manipulação maliciosa necessária a criaturas incapazes de prever acertadamente o futuro — e fazer isso com profecias divinas, em violação do Corolário 4, é blasfêmia contra Deus, ao reduzi-Lo ao patamar de falso profeta.

2.8 Da Genuína Intenção de Deus

Lê-se nas Escrituras, que o enviado Paulo falava, da parte do próprio Deus com *sinceridade*:

“Porque nós não estamos, como tantos outros, mercadejando a palavra de Deus; antes, em Cristo é que falamos na presença de Deus, com **sinceridade e da parte do próprio Deus.**” — 2Co 2.17 (ARA) [1]

Também temos o testemunho de que **Deus é fiel** e por isso, Sua palavra não tem duplo sentido:

“Antes, como **Deus é fiel**, a **nossa palavra** para convosco **não é sim e não.**” — 2Co 1.18 (ARA) [1]

Ainda, corrobora com tais testemunhos:

“Na verdade, **Deus não procede maliciosamente;**” — Jó 34.12 (ARA) [1]

e também:

“**Fez o Senhor o que intentou;**” — Lm 2.17 (ARA) [1]

e ainda:

“**se somos infiéis, ele permanece fiel,**” — 2Tm 2.13 (ARA) [1]

As Escrituras, portanto, abundantemente testificam da fidelidade, sinceridade, bondade e verdade de Deus, cuja Palavra só pode significar exatamente o que diz. Deus não é falso, nem procede maliciosamente para intentar algo e falar diferentemente para expressar sua intenção. Assim:

Princípio 7 (da Genuína Intenção de Deus). *De acordo com as Escrituras, Deus não procede maliciosamente, antes, sempre genuinamente intenta exatamente o que diz, como diz.*

2.9 Da Tradição de Deus

As Escrituras mostram Deus revelando-se a si mesmo e o seu plano, *progressivamente*, ao longo da história humana. A *Torah*, ou, o *Pentateuco* — os cinco primeiros livros, de Moisés, de Gênesis a Deuteronômio — já mostra isso claramente.

Partindo de um: “**maldita é a terra por tua causa; em fadigas obterás dela o sustento durante os dias de tua vida**” Gn 3.17 (ARA) [1], observamos uma *forte tradição oral entre os descendentes de Adão*, pois Lameque diz, de seu filho Noé: “**Este nos consolará dos nossos trabalhos e das fadigas de nossas mãos, nesta terra que o Senhor amaldiçoou.**” Gn 5.28,29 (ARA) [1]. Segundo as Escrituras em Gênesis 5, esta frase foi dita *126 anos após a morte de Adão*, ou *1056 anos após a Criação*.

Ainda, por causa de um *prometido* “**descendente**” da mulher, de Gn 3.15 (ARA) [1], observamos uma tradição de genealogias nas Escrituras em conexão com a humanidade, seguindo as revelações subsequentes feitas a Abraão, a Isaque, a Jacó, a Judá, a Davi, de Gênesis até “**Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão**” Mt 1.1 (ARA) [1].

Neste processo de formação de uma “tradição de Deus,” certos *elementos-chave, estabelecidos anteriormente*, viram *referências* em falas e revelações futuras, como no caso das “**fadigas**” e da “**maldição da terra**,” no exemplo da fala de Lameque.

Esta crescente “tradição de Deus,” com forte uso de *referências anteriores* permeia as Escrituras e é determinante para uma

interpretação “segundo Deus,” de passagens adiante. Este ponto é importante, porque podemos ser tentados a empregar nossas definições, ao invés das de Deus, para termos-chave que aparecem depois, e assim errar, estando presumidos em nós mesmos, sem identificar a referência bíblica que está sendo feita “segundo Deus.”

Considere, por exemplo, a seguinte passagem:

“atentando, diligentemente, por que ninguém seja faltoso, separando-se da graça de Deus; nem haja alguma **raiz de amargura** que, brotando, vos perturbe, e, por meio dela, muitos sejam contaminados;” — Hb 12.15 (ARA) [1]

Seria esta uma exortação à não disseminação de *sentimentos de amargura*? Talvez muitos, presumidos em si mesmos, concluam que sim, afinal o texto fala de “**raiz de amargura**”!

Porém, na tradição de Deus, o termo já possui definição, na Lei:

“para que, entre vós, não haja homem, nem mulher, nem família, nem tribo cujo **coração**, hoje, **se desvie do Senhor**, nosso Deus, e vá servir aos deuses destas nações; para que não haja entre vós **raiz que produza erva venenosa e amarga**,” — Dt 29.18 (ARA) [1]

Aplicando a tradição de Deus ao texto de Hb 12.15, torna sua exortação muito mais condizente, a saber: a não separar-se da graça de Deus nem seguir após outros falsos deuses, que pode contaminar a outros e perturbar o grupo.

Ora, o princípio da tradição de Deus é bíblico, pois Deus,

através de Paulo, diz:

“Pois tudo quanto, outrora, foi escrito para o nosso ensino foi escrito, a fim de que, pela paciência e pela consolação das Escrituras, tenhamos esperança.” — Rm 15.4 (ARA) [1]

Aqui cabe acrescentar algo importante, para nós, que, diferentemente de outras épocas, temos *acesso* a toda a revelação, com os 66 livros da Bíblia: folhear a Bíblia é também ‘viajar no tempo’ e, tendo toda a Bíblia em mãos, devemos estar cientes da (i) natureza progressiva da revelação, e que, (ii) em cada época, as referências empregadas serviram para entendimento dos ouvintes, à época! Pois, **“Na verdade, Deus não procede maliciosamente”** Jó 34.12 (ARA) [1]; e assim, *não falaria uma coisa, querendo dizer outra, com um sentido futuro, ainda desconhecido da audiência a quem foi dirigida a Palavra!*

Enuncia-se, então o seguinte princípio:

Princípio 8 (da Dependência da Palavra). *“Tudo quanto, outrora, foi escrito para o nosso ensino foi escrito”. “Confia no Senhor de todo o teu coração e não te estribes no teu próprio entendimento”; “adquire a sabedoria, adquire o entendimento e não te esqueças das palavras da minha boca, nem delas te apartes.”*

O Princípio 8 é uma compilação direta de Rm 15.4; Pv 3.5 e Pv 4.5; todos (ARA) [1].

2.10 Do Direcionamento da Palavra de Deus

As Escrituras revelam que a Palavra de Deus é direcionada, primeiramente, à sua audiência original: **“Tendo Jesus concluído**

todas as suas palavras dirigidas ao povo, entrou em Cafarnaum.” Lc 7.1 (ARA) [1], e: “Palavra do Senhor que foi dirigida a Joel, filho de Petuel.” Jl 1.1 (ARA) [1], e também: “Ao falar ele **comigo** estas palavras,” Dn 10.15 (ARA) [1].

Juntando-se a isso a natureza progressiva da revelação, bem como a Tradição de Deus, desenvolvidas na subseção anterior, pode-se extrair o princípio do direcionamento da Palavra:

Princípio 9 (do Direcionamento da Palavra de Deus). *As Escrituras são primeiramente direcionadas à sua audiência original, de acordo com a revelação a ela disponível.*

3 Algumas Implicações

Buscar⁵ estudar profecia “segundo Deus,” *requer* reconhecer que Deus tem um plano *único* e estabelecido, segundo o conselho de Sua vontade, que este plano é *verdadeiramente* revelado nas Escrituras, as quais, vindas de um Deus fiel e verdadeiro, constituem-se em *promessas* nas quais devemos esperar, as quais, a seu devido tempo, fielmente *cumprir-se-ão*, tal que no futuro serão *verificáveis*, que aconteceram e sucederam *como profetizado* por um Deus fiel e verdadeiro que *intenta o que diz* em sua revelação progressiva, que *nos ensina do início ao fim*.

Agora que os princípios bíblicos estão identificados e embasados nas Escrituras, desenha-se algumas implicações, uma vez que a violação dos princípios bíblicos constitui instrumento inequívoco e cabal para comprovação de escatologias com erro,

⁵Uma vez que os princípios identificados são indispensáveis (necessários), porém não suficientes a estudos “segundo Deus”, usa-se ‘buscar’, uma vez que não se arroga aqui a ‘receita’ de tê-lo alcançado.

como discutido anteriormente, de imediato, reconhece-se as seguintes implicações:

1. Pelo princípio bíblico da *Unicidade da Realidade do Início ao Fim*, Princípio 1, servos de Jesus Cristo não deveriam tolerar a existência de múltiplas ‘teorias proféticas’ ou ‘linhas de interpretação escatológicas,’ pois Deus, que anuncia “**o fim**”, é o mesmo que exorta, através de Paulo, a que “*penseis a mesma coisa*” Fp 2.2 (ARA) [1].
2. Pelos princípios bíblicos da *Veracidade das Profecias Divinas*, Princípio 2, da *Equivalência Entre Profecias e Promessas Divinas*, Princípio 3, da *Verificabilidade Das Profecias Divinas*, Princípio 4, da *Vigilância Divina à Sua Palavra*, Princípio 5, do *Cumprimento Como Profetizado*, Princípio 6, pelo Corolário 4, da *Alegação de Cumprimento Alegórico*, e pelo princípio bíblico da *Genuína Intenção de Deus*, Princípio 7, **quaisquer linhas de interpretação alegóricas de profecias**, tal que passagens bíblicas não signifiquem o que nelas está escrito, jamais deveriam sequer ser consideradas, seja acadêmica ou devocionalmente, por servos do Senhor Jesus Cristo. Pelo contrário, deveriam ser **cabalmente reprovadas e rejeitadas como pecado de rebelião contra o Senhor, nosso Deus e contra Sua Palavra!**
3. Pelo princípio bíblico do *Direcionamento da Palavra de Deus*, Princípio 9, linhas e argumentos de interpretação que recorrem a passagens futuras para explicar termos-chave empregados em passagens anteriores, tal que seu significado torne-se inacessível à audiência da passagem anterior, devem ser rejeitados, por servos do Senhor Jesus Cristo, como manipulação indevida das Escrituras.

4 Conclusão

É visível na cristandade atual um estado indesejado de uma pluralidade de visões escatológicas, supostamente bíblicas, mas com irreconciliáveis incompatibilidades nas suas conclusões.

Crendo que há uma forma “segundo Deus, em justiça e retidão procedentes da verdade” Ef 2.24 (ARA) [1] de proceder com estudos escatológicos, que guiará seus estudantes, pelo Espírito de Deus, “a toda a verdade; porque não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará as coisas que hão de vir.” Jo 16.13 (ARA) [1], este estudo definiu (a) Escatologia “Segundo Deus,” Definição 1, e (b) Escatologia “Com Erro,” Definição 2 — cujas propriedades foram estabelecidas, bem como a importância, para membros do corpo de Cristo, de abandonar aquelas com erro e buscar e guardar as feitas “segundo Deus”, as quais variam apenas em escopo, sendo parte de uma único, são e coeso ensino “segundo Deus”.

Além das definições, foi proposto (i) *identificar* e (ii) *enunciar* princípios bíblicos indispensáveis a estudos “segundo Deus” de profecias bíblicas, deduzidos à partir das Escrituras, sob os axiomas de que as Escrituras são verdade e Palavra do único Deus verdadeiro. Foi arguído e demonstrado que tais princípios bíblicos podem ser empregados como INSTRUMENTOS PARA COMPROVAÇÃO DE ESCATOLOGIAS “COM ERRO”, capazes de qualificar e expor, cabalmente o erro incorrido por uma dada escatologia sob análise.

Apesar de não haver necessidade de completa identificação de tais princípios em um único estudo, este estudo identificou e enunciou 9 (nove) tais Princípios, um deles acompanhado de um Corolário, a saber:

- Princípio 1, da “Unicidade da Realidade do Princípio ao Fim;”

- Princípio 2, da “Veracidade das Profecias Divinas;”
- Princípio 3, da “Equivalência Entre Profecias e Promessas Divinas;”
- Princípio 4, da “Verificabilidade Das Profecias Divinas;”
- Princípio 5, da “Vigilância Divina à Sua Palavra;”
- Princípio 6, do “Cumprimento Como Profetizado;”
- Corolário 4, da “Alegação de Cumprimento Alegórico;”
- Princípio 7, da “Genuína Intenção de Deus;”
- Princípio 8, da “Dependência da Palavra;”
- Princípio 9, do “Direcionamento da Palavra de Deus.”

Implicações imediatas (1) quanto ao atual e lamentável estado de multiplicidade de visões escatológicas; (2) quanto às linhas de interpretação alegóricas de profecias, e (3) àquelas que recorrem a passagens futuras para explicar termos-chave empregados em passagens anteriores foram feitas, sem exaustão.

Finalmente, crê-se também que *qualquer* estudo Bíblico feito “segundo Deus” levará à *unidade da fé* a que somos exortados pelas Escrituras; pois que, conduzidas pelo Espírito que “dá testemunho, porque o Espírito é a verdade. E três são as testemunhas: o Espírito, a água e o sangue, e os três concordam.” 1Jo 5.7,8 (PESH) [3].

A Generalização Para Qualquer Doutrina Bíblica

Como mencionado na Introdução, a estrutura conceitual das Definições, do Teorema, sua Prova e Corolários, apresentadas

primeiramente no escopo da escatologia bíblica, é generalizável para *qualquer* doutrina bíblica. Tal generalização é aqui apresentada:

Tendo-se em mente abordagens bíblicas doutrinárias “segundo Deus”, à semelhança e em generalização do que foi exposto e estabelecido dentro do escopo da escatologia, a saber, abordagens bíblicas doutrinárias feitas “à maneira de Deus;” aquelas que, baseadas unicamente em verdade, são conduzidas em retidão e chegam à verdade, a saber, como de fato estabelecidas pelo próprio Deus:

Definição 3 (Doutrina “Segundo Deus”). *A doutrina “segundo Deus” é aquela feita “segundo Deus, em justiça e retidão procedentes da verdade” Ef 2.24 (ARA) [1].*

Passa-se também à definição de doutrina com erro — entendido como qualquer violação direta de qualquer um ou mais preceitos das Escrituras — ou doutrina com engano, ou enganosa, que não é segundo Deus:

Definição 4 (Doutrina Com Erro). *Seja a doutrina com erro, aquela que incorre em erro, seja nas suas premissas, ou nos seus métodos, ou nos seus processos, ou nas suas conclusões.*

Teorema 5 (Dicotomia Doutrinária). *Qualquer doutrina será ou “segundo Deus”, ou “com erro.”*

Prova do Teorema da Dicotomia Doutrinária. Seja uma doutrina δ_i qualquer, com $i \in \{1, 2, 3, \dots\}$ sendo um índice que numerava, identificando-a de forma única e inequívoca.

Caso (i) δ_i incorra em erro (contenha erro), será, pela Definição 4, uma doutrina “com erro.” Neste caso, tal doutrina *não* poderá ser “segundo Deus”, pois está escrito:

“Não vos escrevi porque não saibais a verdade; antes, porque a sabeis, e porque **mentira alguma jamais procede da verdade.**” — 1Jo 2.21 (ARA) [1]

violando a Definição 3, pelo erro jamais proceder da verdade.

Caso (ii) δ_i não contiver erro, não incorrer em erro, terá sido feita “segundo Deus, em justiça e retidão procedentes da verdade” Ef 2.24 (ARA) [1] e será, portanto, pela Definição 3, doutrina “segundo Deus”.

Neste caso, tal doutrina não poderá ser “com erro,” pois a premissa de não conter erro viola a Definição 4.

□

Corolário 6. *Nenhuma doutrina pode ser simultaneamente “segundo Deus” e “com erro.”*

Corolário 7. *A união das Definições 3 e 4 contém todas as doutrinas.*

As Definições 3 e 4 dadas são úteis na *classificação* de doutrinas que **devem ser abandonadas** por membros do corpo de Cristo (à luz de Ef 4.7,11–14, citado na Introdução), e aquelas, “segundo Deus”, que **devem ser guardada** e também *cridas, ensinadas e proclamadas*.

Produção

Produzido com X_YLaTeX com fontes GaramondLibre, JuliaMono.

Conflito de Interesses

O autor declara não haver conflito de interesse associado a este trabalho.

Agradecimentos

O autor não recebeu nenhum pagamento e/ou fomento específico na elaboração deste trabalho, sejam provenientes de setor público, privado ou sem fins lucrativos.

A YHWH Deus Pai, Filho e Espírito, seja a glória!

Referências

- [1] *A Bíblia Sagrada*. Sociedade Bíblica do Brasil, Barueri, SP, Brasil, traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada, 2^a ed. (ARA) edition, 1993.
- [2] *A Bíblia Sagrada Contendo o Velho e o Novo Testamento*. Sociedade Bíblica do Brasil, Brasília, DF, Brasil, traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. edição Revista e Corrigida (ARC) edition, 1995.
- [3] *Bíblia Peshitta em Português*. BV Books Editora, Niterói, RJ, Brasil, tradução dos Antigos Manuscritos Aramaicos (PESH) edition, 2018.
- [4] Anatole Bailly. *Dictionnaire Grec-Français*. Hachette, Paris, 2000.

- [5] U. Daepf and P. Gorkin. *Reading, writing, and proving: A closer look at mathematics*. Undergraduate Texts in Mathematics. Springer, New York, 2011.
- [6] Antônio Houaiss, Mauro de Salles Villar, and Francisco M. de M. Franco. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Objetiva, Rio de Janeiro, 1 edition, 2009.
- [7] Maria da Piedade Faria Maniatoglou. *Dicionário Grego-Português, Português-Grego*. Porto Editora, Porto, Portugal, 1997.